

A QUESTIONE DELLA LINGUA VISTA POR SPERONE SPERONI

Ana Luiza Leite Bado e Sergio Romanelli¹

Universidade Federal de Santa Catarina

analuzabado@gmail.com

sergioroma70@gmail.com

Introdução

Sperone Speroni (Pádua, 1500-1588) foi um humanista, literato e filósofo que dedicou grande parte de sua vida a escrever diálogos que eram discutidos em uma restrita roda de amigos. Dentre esses, que datam de 1542 e 1558, respectivamente, estão o *Dialogo delle Lingue* e o *Dialogo della Rettorica*, que debatem acerca da *Questione della Lingua* durante o renascimento italiano.

Sobre o diálogo, acrescentamos que este era o gênero literário típico da argumentação naquela época por proporcionar uma resposta imediata às argumentações dos adversários e permitir a exposição de diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto. Era um jogo de contradições que chegava lentamente ao seu fim. Para o autor do *Dialogo delle Lingue*, os diálogos poderiam ser de dois tipos: o primeiro, mais ligado ao conceito aristotélico, não tinha como finalidade a diversão, mas sim a educação, e, no segundo tipo, ligado ao conceito platônico, o autor elimina a sua posição pessoal em favor de outras vozes. Nesse segundo tipo, enquadram-se o *Dialogo delle Lingue* e o *Dialogo della Rettorica*, nos quais os argumentos das personagens alternam-se sem que haja necessidade da interferência do escritor.

Além de exímio na escrita de diálogos, Sperone destacou-se ao ser nomeado príncipe da *Accademia degli Infiammati*², em 1542, e impor, nesse mesmo ano, o uso da língua vulgar dentro da *Accademia*. O escritor também teve uma vida política muito ativa: fez parte do *Consiglio* de Pádua em 1532 e, no ano seguinte, foi eleito deputado, além de ser um homem com um raciocínio muito moderno em relação à modernidade da língua. Por causa desse seu papel no debate acerca de qual variante vernácula assumiria o papel de língua comum do território italiano e por ser um dos mais fortes defensores do vulgar, nos parece fundamental que o público brasileiro conheça um

¹ Aluna de graduação do curso de Letras – Língua Italiana e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do DLLE e da PGET, na UFSC, e bolsista em produtividade PQ2 e CNPq. Este artigo é parte da pesquisa de Iniciação científica desenvolvida com bolsa PIBIC/CNPq no DLLE-UFSC.

² A *Accademia degli Infiammati* foi fundada em Pádua, em 1540, e tinha como finalidade estabelecer a “real e natural ideia” de escrever sobre filosofia e textos literários em prosa e em língua vulgar. Dessa fizeram parte, além de Sperone, Alessandro Piccolomini, Pietro Bembo, Pietro Aretino, Lodovico Dolce e outros.

pouco de sua obra. Para isso, se faz antes necessário destacar alguns momentos significativos da assim chamada *Questione della lingua*.

A *Questione della Lingua*

É válido acrescentar que a *Questione* não surgiu no século XV, mas sim no século XIV, com o *De Vulgari Eloquentia*, escrito por Dante Alighieri, em latim, na defesa das línguas vulgares (embora essa obra tenha sido publicada apenas dois séculos mais tarde); nesse tratado, Dante já se mostrava preocupado com a diversidade linguística existente na Itália e criou uma tese em defesa de um “vulgar ilustre”, que reuniria o que há de melhor dos dialetos italianos.³ Com a difusão do florentino erudito, muito utilizado pelos autores em decorrência dos escritos das *Tre Corone* (Dante, Petrarca e Boccaccio), no século XV, a necessidade de uma unificação linguística se fortaleceu e o debate acerca dessa questão ganhou participações ativas. Nesse período, a situação linguística da Toscana estava dividida: de um lado existiam os defensores de uma escolha por uma língua arcaizante, os defensores do florentino erudito (“restaurar a unidade linguística remontando ao latim língua mãe”),⁴ por outro, os defensores de uma hipotética língua cortesã ou italianista, de uma língua que seria mais adequada às conversas “civis” do homem da corte, uma língua aberta à inclusão de palavras tanto espanholas, quanto francesas.⁵ Podemos observar que a língua cortesã defendida pelo Castiglione tinha uma relação com a sua função social, ela censurava o uso das palavras e dos estilos sintáticos considerados inadequados à “naturalidade” da conversação culta.⁶ Ao lado de Castiglione, Maquiavel também defendia o florentino popular e falado, enquanto Pietro Bembo era o maior representante do outro lado do debate da *Questione della Lingua*.

Dentre os participantes do debate, que tinha como uma das questões centrais a qual nível linguístico a língua nacional iria pertencer, ao popular-falado ou ao áulico-literário, podemos destacar:

Baldassar Castiglione (1478-1529), que defendia a criação de uma língua que não excluísse os latinismos, neologismos e nem os outros dialetos falados na província itálica, além de reivindicar o direito de cada um para falar na sua própria língua;

Giangiorgio Trissino, tradutor do *De Vulgari Eloquentia*, (1478-1550), que foi o primeiro a discutir “[...] a lógica íntima da duradoura questão naquilo que ela tem de mais consistente e válido no plano histórico”,⁷ ou seja, o princípio da italianidade da língua; sua teoria foi baseada no escrito de Dante;

³ MARTINS, p.01, 2011.

⁴ ROMANELLI, p.07, 2012.

⁵ TESI, p.223, 2007.

⁶ TESI, p.227, 2007.

⁷ Tradução nossa. Citação no original, em italiano: “[...] la logica intima dell’annosa questione in ciò che essa ha di più consistente e valido sul piano storico.” (SOZZI, 1976, p.84).

Sperone Speroni que opunha-se ao formalismo de Pietro Bembo ao afirmar que a *imitatio* (forma muito utilizada durante a primeira fase do Humanismo, período em que a língua latina ainda era a preponderante)⁸ proposta por ele era apenas um comodismo, não uma prática artística e muito menos um ato de inteligência. O escritor do *Dialogo della Rettorica* afirmava que as palavras são como um espelho, portanto, cada palavra reflete a sua época e não há como os escritos de 1300 refletirem a modernidade de 1500.

Os diálogos de Speroni

Feito esse breve panorama, pretendemos analisar como a *Questione della Lingua* é tratada no *Dialogo della Rettorica* que, além de ser um breve tratado que reivindica o valor social da retórica, fala sobre os valores e as condutas morais do ser humano e também nos apresenta a figura do novo literato que é capaz de argumentar em língua vulgar. Além disso, julgamos necessário traçar um paralelo com o *Dialogo delle Lingue*, que também apresenta uma profunda discussão da ideia de Bembo.

O *Dialogo della Rettorica* acontece entre três personagens – Valerio, Brocardo e Soranzo –, sendo este o primeiro a tocar no assunto da *Questione*:

Além disso, eu estou em dúvida se a arte oratória da língua latina é condizente com as outras línguas, especialmente com a toscana que nós usamos atualmente; eu sou da opinião que algum saudoso de Boccaccio possa se deleitar escrevendo nela alguma novela sem problemas; sendo esse fato na verdade diferente dos três tipos de causas que foram nomeadas pelos escritores latinos como matéria única e geral de sua arte retórica.⁹

Nesse pequeno trecho da fala de Soranzo, é possível observar uma referência direta a Pietro Bembo, quando ele cita “algum saudoso de Boccaccio”, uma vez que Bembo definiu a *Questione* como a sua proposta saudosista de retomar a língua italiana utilizada por Petrarca e Boccaccio, língua esta que, para ele, havia atingido uma qualidade insuperável, daí a característica da língua italiana ter surgido de um registro culto escrito e não do registro falado. Outro fator importante, que contribuiu para que a ideia de Bembo fosse definidora da polêmica questão, foi a sua escolha por um florentino que representava uma classe burguesa do século XIV, que estava em crescimento, e “não se via representada nem pela opção aristocrática do latim e nem pela opção popular do florentino falado”.¹⁰ Tommaso Sozzi¹¹ acrescenta que a solução

⁸ FURLAN p.217, 2007.

⁹ Tradução nossa. *Oltra di questo io sono in dubbio, se l'arte oratoria della lingua Latina si convegna con l'altre lingue, specialmente con la Toscana che noi usiamo oggidì nella quale io ho opinione che a dilettere alcun maninconico, imitando il Boccaccio, qualche novella si possa scrivere senza più cosa veramente diversa dalle tre guise di cause, le quali da' Latini scrittori sola e generale materia della loro arte rettorica si nominarono.*

¹⁰ ROMANELLI, Sergio (org.), Antologia Bilingue. *Clássicos da Língua Italiana*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012, p. 9.

¹¹ SOZZI p.66, 1976.

de Bembo era ineficiente, sobretudo no plano linguístico, pois ela ignorava a natureza primária de uma língua: a oralidade.

Speroni já havia explorado a posição de Bembo no *Dialogo delle Lingue*: “[...] louvo sumamente a nossa língua vulgar, isto é, a toscana [...] Falo da toscana, não da moderna que hoje o povo usa, mas a antiga, a qual tão suavemente falaram Petrarca e Boccaccio [...]”;¹² e continua afirmando que as línguas vulgares, como a lombarda, não são aptas ao discurso e à poesia, indo ao encontro das afirmações do Cortesão do livro de Castiglione, que acredita na necessidade de levar o pensamento científico e filosófico à plebe, de forma que estes “[...] serão próprios dos amantes e estudiosos das doutrinas que têm seu lugar não nas línguas, mas nas almas dos mortais.”¹³

Retornando à fala de Soranzo; este duvida da capacidade argumentativa da língua vulgar, posição semelhante à de Pietro Bembo, no *Dialogo delle Lingue* (trecho citado no parágrafo anterior), sendo contrário ao ideal de Baldassar Castiglione (1478-1529), que dizia que a língua italiana deveria se formar sem excluir latinismos e outros dialetos falados na província itálica. Além disso, Castiglione reivindicava o direito de cada um falar e escrever em sua própria língua.¹⁴ Em seu texto *o Cortegiano*, publicado em 1528, ele dedica à *Questione della Lingua* os capítulos de 28 a 39.

No capítulo 38, defende a língua como expressão do pensamento individual e, no capítulo seguinte, defende a substância do pensamento contra o formalismo linguístico. O pensamento de Castiglione, no *Dialogo delle Lingue*, aparece mais uma vez na fala do Cortesão:

Pelo menos direi aquilo que tiver no coração, e o esforço que eu pensaria em adquirir palavrinhas disto e daquilo, investi-lo-ei em encontrar e dispor as concepções da minha alma, da qual procede a vida da escrita. Pois considero ruim que, para expressarmos nossas concepções, utilizemos a língua toscana ou a latina, que aprendemos e exercitamos não discutindo entre nós os nossos assuntos, mas lendo a outros [...]. Não digo, porém que se deva escrever em paduano ou em bergamasco, mas quero muito que, de todas as línguas da Itália, possamos acolher palavras e algum modo de dizer[...].¹⁵

A ideia de Castiglione aparece com frequência nos diálogos de Sperone Speroni, uma vez que as ideias deste corroboravam com as ideias daquele contra o cânone da

¹² SPERONI, Sperone in Furlan, Mauri (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Volume 4. Florianópolis: NUPLITT, 2006. Tradução: GUERINI, Andréia; PALMA, Anna; FURLAN, Mauri, p. 253.

¹³ _____, p.249.

¹⁴ SOZZI, p.79, 1976.

¹⁵ *Almeno dirò quello che io averò in core; e lo studio che io porrei in infilar parolette du questo e di quello sì lo porrò in trovare e disporre i concetti dell'animo mio, onde si deriva la vita della scrittura; ché male giudico potersi usare da noi altri a significare i nostri concetti quella lingua, tosca o latina che ella si sia, la quale impariamo e essercitiamo non ragionando tra noi i nostri accidenti, ma leggendo gli altrui. [...]. Non dico però che uomo scriva né padovano né bergamasco, ma voglio bene che di tutte le lingua d'Italia possiamo accogliere parole e alcun modo di dire[...].* SPERONI, Sperone in Furlan, Mauri (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Volume 4. Florianópolis: NUPLITT, 2006. Tradução: GUERINI, Andréia; PALMA, Anna; FURLAN, Mauri, p. 224, 225, 226 e 227.

imitação e ambos opunham-se ao formalismo de Bembo, ou, como bem esclarece Sozzi:¹⁶ “Na opção pela culturalidade fundamentada pelo pensamento contrário ao formalismo linguístico e na reivindicação [...] dos direitos da originalidade contra o pedante cânone da imitação, surge o Speroni, ao lado de Castiglione [...], como opositor do formalismo de Bembo [...]”.

No *Dialogo Della Rettorica*, especificamente, Brocardo tem falas significativas acerca dessa posição de Speroni; o personagem, que muito fala sobre a natureza das palavras “que significam os conceitos de nossos corações”, também é a representação da capacidade argumentativa da língua vulgar: “[...] Com muito cuidado evitarei usar as palavras latinas que a longo prazo prejudicariam a construção da minha fala, deixando essa viagem no perigoso mar a um navegador mais hábil que eu.”¹⁷ Brocardo evita o uso das palavras latinas, uma vez que a língua vulgar tem potencial para validar sua fala e é sua língua, sendo aquela que ele melhor domina. Da mesma forma, Baldassar Castiglione, em seu livro *O Cortesão*, expressa sua preferência por ser reconhecido como um lombardo, ao falar em lombardo, a ser reconhecido como um não toscano, por falar toscano exageradamente. Antes um falar natural, que expresse claramente os pensamentos, do que um falar artificial, muito mais preocupado com as regras e que causa o cansaço de quem as fala e de seus ouvintes.¹⁸

O personagem Brocardo cita como exemplo o sucesso de Petrarca, o qual foi possível somente por ele ser toscano e conhecer bem a sua língua:

Mas porque saibam tudo, costumava me dizer o Senhor Trifone, que, o fato de Petrarca ter nascido toscano e conhecer bem a sua língua, e, ao contrário, não saber a latina, apesar de usar seu estilo, foi motivo para torna-lo grande em uma, mas na outra muito menos que medíocre.¹⁹

Significativa sobre esse mesmo aspecto, também é a fala do Magnífico, no livro de Castiglione. O personagem afirma que, se Petrarca e Boccaccio ainda estivessem vivos, nem eles usariam as palavras do toscano antigo, palavras que também são omitidas pelos costumes de sua época. Surge aí, novamente, um fio que costura o pensamento de Speroni ao de Baldassar Castiglione: ambos são muito modernos ao compreender

¹⁶ SOZZI, p.87, 1976. *Nell'opzione per la culturalità sostanziata di pensiero di contro al formalismo linguistico e nella rivendicazione [...] dei diritti dell'originalità contro il canone pedantesco dell'imitazione lo Speroni emerge, accanto al Castiglione [...] come oppositore del formalismo bembistico [...]*. Tradução nossa.

¹⁷ [...] e da' scogli delle parole Latine, nelle quali a lungo andare il parlamento si romperebbe, bellamente mi guardarò; a più faggio nocchiero di me lasciando la cura di dover fare sì periglioso viaggio. Tradução nossa.

¹⁸ BASTIANETTO, p. 98, 2012.

¹⁹ *Ma perchè il tutto sappiate; soleva dirmi Messer Trifone, che al Petrarca l'esser nato Toscano e saper ben la sua lingua, ed in contrario il non saper la Latina, benchè l'arte tenesse, fu cagione di farlo grande nell'una, ma nell'altra molto manco che medíocre*. Tradução nossa.

que a língua, como um organismo vivo, é passível de mudanças temporais que influenciam no significado das palavras. Além disso, nos parece que os autores reconhecem o valor dos dialetos e não os desqualificam; ao contrário, sabem que os dialetos são formas de língua que possuem um próprio sistema lexical e sintático, usado em uma região mais restrita que a língua. E, quanto à língua italiana, esta surgiu de um dialeto, que graças a questões políticas adquiriu status.

No que se refere à *Questione della Lingua*, podemos afirmar que Sperone Speroni, conforme seus ideais explícitos nos *Dialogo delle Lingue* e *Dialogo della Rettorica*, defendia o florentino erudito da sua época. Principalmente no *Dialogo delle Lingue*, o autor prova que “a Itália era capaz de exprimir com dignidade e beleza não somente tudo aquilo que tinha na poesia, mas também na história, nas ciências e nas artes.”,²⁰ afirmando mais uma vez sua posição contra os saudosos latinistas. Para o escritor dos diálogos, moderno também ao reconhecer a existência de uma língua materna e que a inferioridade da língua vulgar era uma questão política, era imprescindível defender vigorosamente que o vulgar poderia e deveria ser usado em qualquer campo de conhecimento, inclusive na educação.

Conclusão

A partir das ideias propostas por Speroni, concluímos que o autor prezava, não somente a valorização do florentino erudito utilizado no renascimento, mas também que o uso do vulgar fosse significativo na expressão dos conceitos de nossas almas, uma vez que esses devem ser manifestados pelas nossas próprias palavras e não através de ideais pertencentes a outros, deixando claro sua posição anti-humanista, refutando a solução de Pietro Bembo e concordando em muitos aspectos com o pensamento de Baldassar Castiglione.

Por esse motivo, o texto de Speroni não pode ser lido isolado de um contexto muito significativo na história da língua italiana. A questão secular, da qual o escritor do *Dialogo della Rettorica* fez parte, foi solucionado apenas em 1861, com a unidade política do povo italiano, por ser uma questão que ultrapassa as raias dos limites linguísticos, e estendeu-se para a cultura, para a história e para a política.

O nomeado príncipe da *Accademia degli Infiammati*, injustamente apagado nos estudos da história da língua italiana, tem seu valor por escrever em língua vulgar sobre a questão do poder argumentativo das línguas vulgares e se elas teriam o mesmo poder da língua latina, sendo essa uma das questões que atravessa os debates acerca da *Questione*: qual das línguas faladas na península seria a mais capacitada para assumir o status de língua nacional.

²⁰ POZZI, Mario, p.13, 1978: *l'Italia era capace d'esprimere con dignità e bellezza non solo tutto ciò che v'era nella poesia ma ancora nella storia, nelle scienze e nell'arti*. Tradução nossa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURLAN, Mauri (org.) **Antologia Bilingue. Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.

MARTINS, Cláudia Fátima Morais. **Algumas Especulações Linguísticas na Tradição Italiana: A "Questione della Lingua"**. Disponível em:

http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a5n5/estlin/claudiafatica_martins.pdf Acesso em: 05 de fevereiro de 2013.

POZZI, Mario (a cura di). **Dialogo della Rettorica**. Roma: Vecchiarelli Editore, 1978.

ROMANELLI, Sergio (org.). **Antologia Bilingue. Clássicos da Língua Italiana**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

SOZZI, Bortolo Tommaso (a cura di). Niccolò Machiavelli. **Discorso, O Dialogo Intorno alla Nostra Lingua**. Edizione Critica. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1976